

Elementos de Avaliação Económica dos Principais Destinos Turísticos Portugueses

João Albino Silva*

Doutorado em Economia pelo Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa

Jorge Miguel Andraz**

Doutorado em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade do Algarve

Resumo

O presente trabalho pretende ser um contributo para a análise do potencial de mobilização do turismo para o progresso regional, nas regiões do Algarve, de Lisboa e Vale do Tejo e da Madeira. A análise assenta na caracterização da estrutura do sector turístico naquelas regiões, ao nível da oferta e da procura, do dinamismo evidenciado na década de 90 e ainda na identificação do posicionamento estratégico e da contribuição do sector para a estruturação sectorial das economias regionais.

A análise empírica sugere que as regiões analisadas têm constituído os principais destinos turísticos nacionais, em termos dos indicadores de oferta e de procura ao concentrarem 80% do número total de camas e 84% do total de dormidas. O fenómeno da dependência económica relativamente ao sector turístico assume proporções significativas nas regiões do Algarve e da Madeira, quer em termos dos mercados emissores, quer em termos do produto procurado.

A análise configura uma situação em que sobressai a aposta na convergência das regiões, através do investimento nos ramos dinâmicos da economia e, simultaneamente, do aproveitamento das especificidades regionais para o desenvolvimento de ramos específicos. Contudo, esta estratégia tem contribuído para a fragilização do tecido económico das regiões do Algarve e da Madeira que se encontram estruturadas exclusivamente em torno da actividade turística.

Palavras-chave

Região, Turismo, Curva de Lorenz, Índice de Gini, *Componentes Principais*.

**Docente da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve*
E-mail: jsilva@ualg.pt

** *Docente da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve*
E-mail: jandraz@ualg.pt

Abstract

This paper analyses the tourism potential mobilization towards regional development of Algarve, Lisboa e Vale do Tejo and Madeira. The analysis is based on tourism structural characterization and its evolution during the 90's, and also on its strategic position and contribution to the economic structure of the regional economies.

The results suggest that those regions are the most important turistic areas, both in terms of supply and demand indicators. They concentrate 80% of the total number of beds and 84% of the permanency nights. The regions of Algarve and Madeira are strongly dependent on visitants from a reduced number of countries. Also the only product demanded in these regions increases that dependency.

The analysis depicts the efforts for regional convergence, through the investment in the most dynamic economic sectors and the development of specific sectors by taking advantage of locational advantages. However that strategy has also contributed for the fragilization of the regional economic structure, in particular, in the regions of Algarve and Madeira.

Keywords

Region, Tourism, Lorenz Curve, Gini Index, *Principal Components*.

1. Introdução

O crescimento exponencial do sector turístico em Portugal, com início nos anos 80, a par das importantes ajudas nacionais e comunitárias para o desenvolvimento dos meios rurais e para o aumento da qualidade da oferta e dos produtos turísticos, transformou este sector num vector estratégico de desenvolvimento e de dinamização económica, com fortes implicações regionais e sectoriais.

A magnitude do crescimento desta "indústria" em Portugal nos anos 90, consubstancia-se numa presença significativa na actividade económica e na evolução, francamente positiva, dos principais indicadores, quer do lado da oferta, quer do lado da procura. Nesta década, registaram-se aumentos médios anuais de 2,3% na capacidade de alojamento, que se traduziu em mais de 490 000 camas, de 4,2% no número de turistas estrangeiros, e de 20,3% no número de turistas nacionais [Fonte: INE/DGT].

Perante este crescimento acelerado do sector, com a conseqüente especialização das economias regionais nas actividades que lhe estão associadas, e a continuada aposta no seu desenvolvimento, este trabalho pretende apresentar uma reflexão sobre o potencial de mobilização do turismo para o progresso regional, em particular para as regiões do Algarve, Lisboa e Vale do Tejo e Madeira¹. Por outro lado, o panorama do sector ao nível nacional não deve, em nossa opinião, escamotear diferenças regionais nos padrões de turismo que decorrem de factores locacionais e de diferenças nas estruturas produtivas das regiões.

A análise assenta em duas vertentes fundamentais, sendo que a primeira, consiste em caracterizar a estrutura do mercado regional e o dinamismo das actividades do sector. Porque o panorama do sector ao nível nacional não deve escamotear diferenças regionais nos padrões de turismo que decorrem de factores locacionais e de diferenças nas estruturas produtivas, a segunda vertente consiste na identificação do posicionamento estratégi-

co e da contribuição do sector para os padrões estruturantes sectoriais das economias regionais.

2. Enquadramento metodológico

A análise do sector turístico das três regiões é baseada na utilização de instrumentos analíticos que permitem formular conclusões a três níveis. Ao nível da caracterização da relevância do sector turístico nas economias regionais, a análise é conduzida com base na utilização dos indicadores de procura e de oferta numa perspectiva evolutiva, nas categorias de estabelecimentos considerados relevantes, como sejam os hotéis, os hotéis-apartamentos, os apartamentos e os aldeamentos turísticos. Este nível de análise culmina com o cálculo de um indicador quantitativo do protagonismo do sector, relativamente à estrutura económica e social das regiões. Os padrões espaciais da componente oferta e procura, bem como o emprego directamente associado ao sector turístico são integrados num único vector síntese, designado por Coeficiente Ponderado dos Vectores Turísticos (CPVT) [Silva, J. e J. Silva (2003)]. Este indicador sintetiza globalmente as componentes indicadas, ponderando dupla e triplamente os vectores considerados mais determinantes no reforço da estrutura turística de uma região, respectivamente os pesos regionais do alojamento e das dormidas de estrangeiros, por um lado, e o peso regional do emprego na hotelaria e na restauração, por outro lado.

O CPVT para a região i , é calculado através da seguinte expressão: (1)

$$CPVT_i = \frac{2AH_i + 3EHR_i + 2DE_i + DN_i}{8}$$

onde, AH_i representa o peso regional do alojamento hoteleiro na região i ; EHR_i representa o peso regional do emprego na hotelaria e na restauração na região i ; DE_i representa o peso regional das dormidas de estrangeiros na região i ; e DN_i representa o peso regional das dormidas de nacionais na região i .

Para corrigir o valor deste ponderador pela dimensão económica e social de cada

¹ Estas regiões são três das sete regiões de Portugal, classificadas no nível II da Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS II). A informação estatística utilizada não incorpora a redefinição do mapa das NUTS II, em particular na região de Lisboa e Vale do Tejo, introduzida pelo Decreto-Lei n.º 244/2002.

região, utilizou-se a representatividade média regional, expressa pelo peso regional relativo do VAB e da população residente, e cujo resultado se designou por Índice de Localização Turística Ponderada (LPT) [Silva, J. e J. Silva (2003)]. Este índice é calculado, para cada região, através da seguinte expressão:

$$LPT_i = \frac{CPVT_i}{(VAB_i + PR_i) / 2} \quad (2)$$

onde, $CPVT_i$ representa o coeficiente ponderado dos vectores turísticos para a região i ; VAB_i representa o peso do VAB da região i ; e PR_i representa o peso da população residente na região i .

A um segundo nível de análise, correspondente à caracterização da procura turística e dos produtos turísticos, é utilizada uma metodologia que se centra na construção de Curvas de Lorenz, com base na proporção de dormidas nas regiões, por países de residência, com vista a identificar-se padrões de concentração turística. Para cada país de residência será calculada uma curva de Lorenz, que representará a distribuição das dormidas de turistas, oriundos desse país, pelas três regiões turísticas consideradas. A análise prossegue ao comparar-se o comportamento da curva de Lorenz com a curva que reflectiria uma distribuição equilibrada das dormidas pelas três regiões [Reis, E. (2002)]. Esta corresponderá a uma bissectriz que divide o espaço gráfico em duas partes iguais. O maior afastamento entre a curva de Lorenz relativa a um país e a curva da distribuição equilibrada, revela um maior nível de concentração de dormidas de turistas oriundos desse país num reduzido número de regiões turísticas.

Os níveis de concentração são quantificados através do cálculo dos Índices de Gini para cada país de origem e para cada região de destino [Reis, E. (2002)]. O índice é calculado através da seguinte expressão:

$$IG = \frac{\sum_{i=1}^{n-1} (p_i - q_i)}{\sum_{i=1}^{n-1} p_i} \quad (3)$$

onde, p_i representa as frequências relativas acumuladas das dormidas do país de residência i ; q_i representa a proporção de cada região no número total de regiões consideradas.

O Índice de Gini varia entre os valores zero e um. O menor valor ocorre quando, numa análise por países de residência, o número de dormidas de residentes de um dado país é igual em todas as regiões turísticas; ou ainda, numa análise por regiões, quando o número de dormidas de turistas numa região é igual para todos os países considerados. Nestas situações não há evidência de uma concentração de turistas de um determinado país de residência numa região em particular, nem há evidência de dependência de uma região relativamente ao turismo proveniente de um certo país. Estamos perante a inexistência de concentração turística, quer em termos dos países de residência dos turistas, quer em termos das regiões de turismo. O maior valor do índice ocorre nas situações contrárias, evidenciando elevados níveis de concentração.

Finalmente, num terceiro nível de análise, de caracterização do posicionamento estratégico do sector turístico nas estruturas económicas das regiões, em termos do VAB e do emprego, é utilizada a análise de componentes de variação². Esta metodologia decompõe o crescimento daquelas variáveis, medidas ao nível regional, em factores diferentes que possam influenciar o seu comportamento. Com efeito, as diferenças de crescimento entre as regiões podem ser atribuídas não só a diferenças relativas à composição produtiva de cada região (devido à maior ou menor preponderância de sectores mais dinâmicos), mas também podem ser justificadas por vantagens de natureza locacional. Estas poderão traduzir-se em diferentes custos de transporte, em diferenças de custo de aquisição dos produtos intermédios ou matérias-primas, ou ainda na maior ou menor abundância de determinados factores produtivos, como mão-de-obra qualificada ou capacidade empresarial. As diferentes características locacionais podem implicar que as actividades de uma dada região tenham uma evolução diferenciada relativamente à média nacional.

O modelo de análise de componentes de variação expressa a evolução das variáveis

² Esta metodologia foi aplicada pela primeira vez por DUNN, E. S. (1960)

analisadas em função de três componentes: a componente nacional (que traduz o efeito do crescimento nacional), a componente estrutural (que traduz o efeito da composição sectorial da região) e a componente regional ou concorrencial (que traduz o efeito de factores específicos da região).

A componente nacional representa o crescimento que a região teria se tivesse a mesma variação observada a nível nacional. No entanto, como é de esperar que a estrutura económica regional seja diferente da estrutura económica nacional, a componente estrutural vai traduzir essa diferença. Esta componente será positiva se os sectores com maior crescimento ao nível nacional tiverem, na região, um peso superior ao verificado ao nível nacional. Assim, poderemos concluir que a região apresenta uma especialização mais favorável se contar com uma presença forte de actividades com elevado crescimento ao nível nacional.

Por outro lado, a componente regional capta a diferença do crescimento de cada sector ao nível regional e ao nível nacional. Esta componente será positiva se o crescimento do sector na região exceder o crescimento ao nível nacional, caso em que a região possui vantagens locais importantes³.

3. O sector turístico e as estruturas económicas regionais

3.1 Breve caracterização regional

As regiões analisadas ocupam, no conjunto, uma área correspondente a 19.1% do território nacional, sendo que a área da região de Lisboa e Vale do Tejo é o dobro da área conjunta das restantes duas regiões. A população residente na região de Lisboa e Vale do

Tejo excede em mais de cinco vezes a população do conjunto das regiões do Algarve e da Madeira, o que a torna na segunda região mais populosa do país. Pelo contrário, as regiões do Algarve e da Madeira encontram-se, respectivamente, em 5º e 6º lugar do *ranking* nacional em termos de população residente. A combinação destes dois indicadores confere à região da Madeira o estatuto de região com a maior densidade populacional do país, com 312,1 habitantes por Km², seguida da região de Lisboa e Vale do Tejo, com 294,7 habitantes por Km². Na região do Algarve, esse valor é de 79,1 habitantes por Km², o que posiciona esta região no 5º lugar do *ranking* nacional.

As regiões consideradas são as que apresentam valores do PIB per capita (avaliados em Paridades de Poder de Compra) mais elevados no conjunto do país, sendo que esses valores excedem a média nacional nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo e Madeira. A região do Algarve apresenta um valor marginalmente inferior à média do país. A relevância económica deste último indicador não é certamente alheia às posições de destaque que estas regiões alcançaram ao afirmarem-se como os principais destinos turísticos do território nacional. Com efeito, a importância do sector turístico nestas regiões ressalta da magnitude dos valores dos principais indicadores de oferta e de procura.

3.2 O protagonismo do sector turístico na realidade socio-económica regional

Os dados mais recentes, referentes a 2002 [INE (2004)], contabilizam uma oferta total de 1 898 estabelecimentos no país, constituídos por hotéis, hotéis-apartamentos, apartamentos turísticos, motéis, pousadas, estalagens e pensões. Regista-se, contudo, que as cate-

Quadro 1- Área, População e PIB per capita

NUTS II	Área			População 2001			PIB per capita ⁽¹⁾	
	Km ²	%		N.º pessoas	%		EU-15=100	
Algarve	4 995	5,4	5	395 208	3,8	5	66	3
LVT	11 771	12,8	4	3 468 869	33,5	2	91	1
Madeira	785	0,9	7	245 012	2,4	6	74	2
Portugal	91 906	100,0	---	10 355 824	100,0	---	68	---

⁽¹⁾ Valores de 2000 (PPC).

Fontes: INE (2002); Eurostat (2003).

³ A informação sobre a estrutura sectorial das regiões materializa-se nas estatísticas do emprego e do Valor Acrescentado Bruto por ramos de actividade económica, utilizando-se a classificação de actividades A17 do Instituto Nacional de Estatística.

gorias de estabelecimentos mais significativas, em termos de oferta, são os hotéis, os apartamentos-hotéis e os apartamentos e aldeamentos turísticos, que representam 47% do total de estabelecimentos, 78% do número de quartos oferecidos, 80% do número de camas disponíveis e ocupam mais de 80% do pessoal empregue no sector.

Ao nível da procura, estas categorias de estabelecimentos captaram, em 2002, 79,6% do total de hóspedes, 86,6% do total de dormidas e verifica-se ainda que a estada média nestas categorias de estabelecimentos supera em 10% o valor alcançado pelo conjunto de todos os estabelecimentos [INE (2004)]. A relevância destes valores fundamenta a nossa opção em concentrar a análise nestas categorias de alojamento.

a dimensão relativamente pequena da região (vide Quadro 1).

Não obstante esta situação, a região da Madeira foi a que registou um maior crescimento no período entre 1991 e 2002, em todos os indicadores, excedendo significativamente o crescimento observado no país.

No caso particular da região do Algarve, assistiu-se a um ritmo de crescimento médio anual mais moderado, com taxas inferiores às respectivas taxas médias nacionais, em todos os indicadores. Este facto está certamente associado à maturação da região enquanto destino turístico por excelência. A região de Lisboa e Vale do Tejo apresenta um comportamento misto, com taxas de crescimento marginalmente superiores à média nacional em apenas alguns indicadores, em particular

Quadro 2- Indicadores de oferta turística em 2002^(*)

Indicadores de oferta turística	Algarve		Lisboa e Vale do Tejo		Madeira		Portugal (unidades)
	Quota de mercado (%)		Quota de mercado (%)		Quota de mercado (%)		
Número estabelec.	34,6	1	20,6	2	12,7	4	893
Número de quartos	40,1	1	24,0	2	13,5	3	81 925
Capacidade Aloj.	46,4	1	21,5	2	12,0	3	190 090
Pessoal	34,5	1	27,1	2	18,1	3	34 496

^(*) Os valores referem-se às seguintes categorias de alojamento: hotéis, apartamentos-hotéis e apartamentos a aldeamentos turísticos.

Fonte: INE (2004).

Por outro lado, a análise regional destes indicadores justifica de forma clara a nossa escolha sobre as regiões analisadas. As regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e Madeira concentram 67,9% do número de estabelecimentos, 77,6% do número de quartos e 80% do número de camas e do número de pessoas empregues no sector. Estes valores traduzem as posições de liderança destas regiões, ao alcançarem os primeiros lugares do *ranking*, em termos de quota de mercado, tal como é ilustrado no Quadro 2. A única excepção é a região da Madeira que, ainda assim, ocupa o 4º lugar no número de estabelecimentos. A este facto não é certamente alheia

no número de quartos e na capacidade de alojamento.

As regiões encontram-se igualmente nos primeiros lugares do *ranking* nacional nos indicadores de procura. No conjunto, as três regiões foram procuradas por 70% do total de hóspedes e nelas ocorreram 84% do número de dormidas. A estada média dos turistas nas regiões do Algarve, de 6 dias, e da Madeira, de 5,8 dias, conduzem estas regiões ao primeiro e segundo lugar do *ranking*, respectivamente.

A combinação da informação apresentada nos Quadros 1 e 3, permite calcular os indicadores, habitualmente utilizados, para

Quadro 3- Taxas médias de crescimento anual da oferta turística no período 1991/2002

Indicadores de oferta turística	Algarve	Lisboa e Vale Tejo	Madeira	Portugal ^(*)
Número estabelecimentos	2,7	3,5	8,9	3,9
Número de quartos	3,7	4,9	6,6	4,7
Capacidade de alojamento	3,9	4,9	6,2	4,6
Pessoal	2,2	1,5	3,6	2,4

^(*) Os valores referem-se ao crescimento médio da oferta nas categorias de estabelecimentos analisadas.

Fonte: INE (2004).

medir intensidades turísticas [Eurostat (2002)], nomeadamente, as “dormidas por habitante” e as “dormidas por Km²”. Com efeito, um e outro evidenciam, de uma forma clara, a existência de diferentes padrões de especialização regional entre as três regiões analisadas, por um lado, e o resto do país, por outro lado.

A análise do peso relativo da estrutura ponderada dos vectores turísticos na dimensão económica e social das regiões permite constatar a existência de diferenças significativas em termos da dinâmica turística. Como se pode observar, no Quadro 6, a região do Algarve adquire um relevo eviden-

Quadro 4- Indicadores de procura turística em 2002

Indicadores de procura turística	Algarve		Lisboa e Vale Tejo		Madeira		Portugal (unidades)
	Quota de mercado (%)		Quota de mercado (%)		Quota de mercado (%)		
Número hóspedes	27,1	2	32,7	1	10,2	4	8 392 766
Número de dormidas	46,1	1	21,1	2	16,6	3	29 612 572
Estada média	(*)	1	(*)	4	(*)	2	3,5

(*) Não se pode falar de quota de mercado relativamente à estadia média. Os valores médios (em número de dias) que estiveram na base dos rankings foram 6 dias na região do Algarve, 2,3 dias na região de Lisboa e Vale do Tejo e de 5,8 dias na região da Madeira. Fonte: INE (2004).

A informação do Quadro 5 coloca as regiões do Algarve e da Madeira nos primeiros lugares do ranking, em ambos os indicadores, com valores substancialmente superiores à média nacional, o que permite concluir que estes valores afastam-se dos valores assumidos noutras regiões. Verifica-se a mesma situação para a região de Lisboa e Vale do Tejo, com excepção do valor assumido no indicador “dormidas por habitante”, o qual se encontra abaixo da média nacional, colocando esta região na quarta posição do ranking. A este resultado não é alheio o facto de esta ser a segunda região mais populosa do país, com um número de habitantes que excede em muito o verificado nas restantes duas regiões (Vide Quadro 1). Para este resultado contribui igualmente o facto de esta região, ao contrário das outras, apresentar uma grande diversidade territorial em termos turísticos, onde coexistem diferentes motivações do turista e diferentes fases do ciclo de vida do sector⁴.

Para além da constatação da relevância relativa do sector turístico, importa identificar, de forma quantificada, o protagonismo das suas actividades, tendo em consideração a dimensão económica e social das regiões.

te, expresso pelo valor do índice de 6,96, não obstante uma ligeira redução na última década. A região da Madeira ocupa também uma posição de destaque e reforçou claramente a sua vocação e a sua aptidão turística durante a última década. Pelo contrário, a região de Lisboa e Vale do Tejo perde importância relativa, registando um efeito de diluição dos vectores turísticos, quando comparados com a sua dimensão económica e social. É importante, contudo, sublinhar que os valores obtidos para a região de Lisboa e Vale do Tejo resultam da agregação de realidades turísticas díspares, onde coexistem vários produtos, como sejam os turismos balnear, cultural e de negócios (regiões urbana e suburbana de Lisboa) e religioso (Fátima – Região Médio Tejo). Consequentemente, neste último caso, justifica-se uma análise mais desagregada, eventualmente por NUTS III, com vista a uma identificação das localizações turísticas em reforço e das que estão efectivamente em declínio.

Quadro 5- Indicadores de intensidade turística em 2002

Indicadores de intensidade turística	Algarve		Lisboa e Vale Tejo		Madeira		Portugal
	Valor	Ranking	Valor	Ranking	Valor	Ranking	
Dormidas por Km ²	2 732,3	2	529,3	3	6 271,2	1	322,2
Dormidas por habit.	34,5	1	1,8	4	20,1	2	2,8

Fonte: Elaboração própria com base em dados do INE (2004).

⁴ A região de Lisboa e Vale do Tejo é constituída por cinco sub-regiões: Grande Lisboa, Península de Setúbal, Oeste, Lezíria do Tejo e Médio Tejo.

Quadro 6- Índice de localização turística ponderada em 2001

Regiões	EPVT	PR (%)	VAB(%)	LTP	Varição 1991/2001
Algarve	28,15	3,8	3,9	6,96	-1,12
Lisboa e Vale do Tejo	30,84	25,7	44,9	0,86	0,03
Madeira	11,16	2,4	2,6	3,65	0,92

Fonte: Elaboração própria com base em dados do INE (2004).

3.3 A procura e os produtos turísticos – – uma tipologia de caracterização

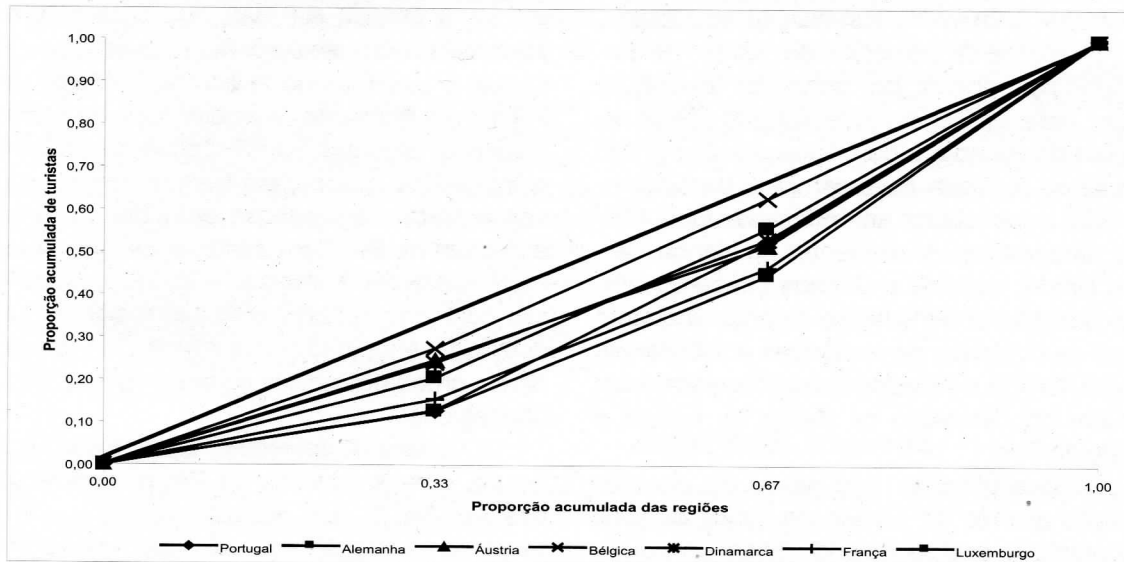
A procura turística no território nacional é liderada por residentes no estrangeiro, os quais representam cerca de 72.6% do total de turistas e esta realidade reflecte-se nos principais destinos turísticos, sem excepção, onde o diferencial relativamente aos turistas residentes alcança valores significativos, que nas regiões do Algarve e da Madeira chega a ser de 60 e 72 pontos percentuais, respectivamente⁵.

O mercado externo dirigido às regiões é dominado essencialmente por residentes na União Europeia⁶, nos Estados Unidos e no Canadá, cujas dormidas, no conjunto, representam 79,8%, 93,3% e 83,7% do total de dormidas de não residentes no país nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo, do Algarve e da Madeira, respectivamente [INE (2004)].

Não descurando a importância da informação agregada, convém desenvolver uma reflexão em torno dos valores apurados, para se tentar perceber melhor o grau de dependência das regiões relativamente a certos países emissores e ainda verificar a possível existência de padrões de distribuição do número de dormidas em função dos países de origem. A construção de curvas de Lorenz para os países de origem permite, desde logo, identificar dois grupos de países, de acordo com o grau de desigualdade na distribuição dos seus turistas pelas regiões de destino.

No grupo dos países em relação aos quais existe evidência de uma menor tendência de concentração encontram-se a Alemanha, a Áustria, a Bélgica, a Dinamarca, a França, o Luxemburgo e Portugal. Como podemos observar na Figura 1, as respectivas curvas de Lorenz encontram-se muito próximas da linha de distribuição equilibrada.

Figura 1- Curvas de Lorenz para países de origem com menor evidência de concentração em 2002



Fonte: Elaboração própria com base em dados do INE (2004).

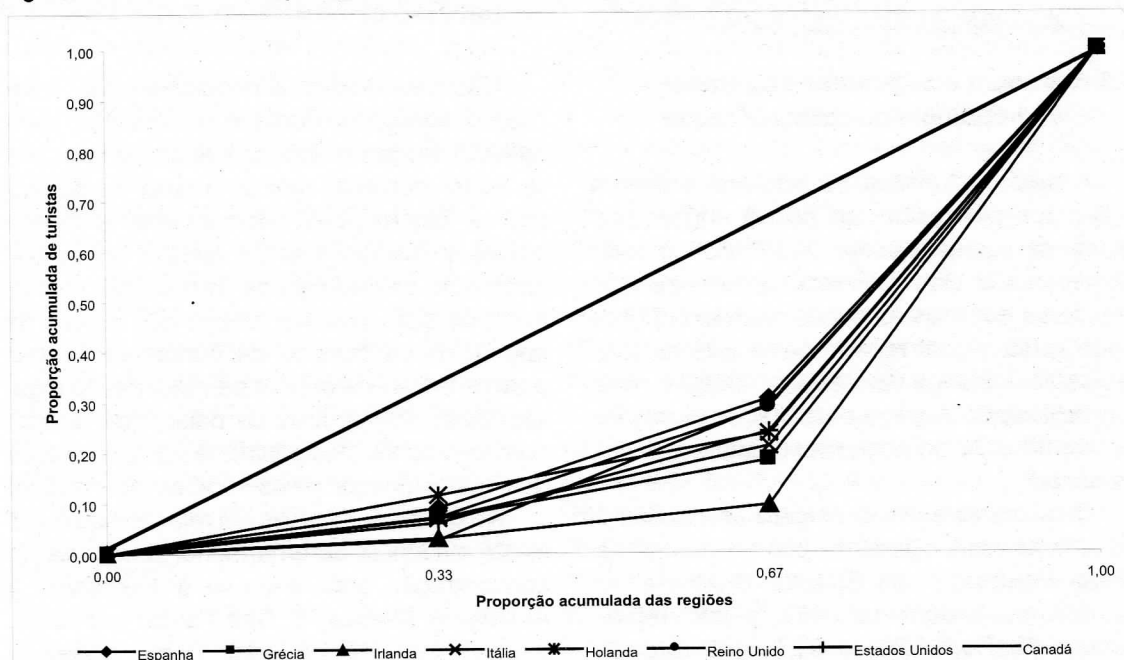
⁵ INE (2002).

⁶ A análise é efectuada para 13 países pertencentes à União Europeia: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Portugal e Reino Unido.

Pelo contrário, os turistas provenientes de países como Canadá, Espanha, Estados Unidos, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália e Reino Unido, evidenciam um padrão de concentra-

a Itália, os Estados Unidos, o Canadá, a Holanda, o Reino Unido e a Espanha. Todos estes países intensificaram os respectivos níveis de concentração durante os anos 90, à ex-

Figura 2- Curvas de Lorenz para países de origem com maior evidência de concentração em 2002



Fonte: Elaboração própria com base em dados do INE (2004).

ção mais elevado, como se pode ver na Figura 2, com as respectivas curvas de Lorenz a apresentarem um maior afastamento relativamente à curva de distribuição equilibrada.

A análise da proporção do número de dormidas nas regiões, por países de residência, com base no Quadro 7, revela que são as regiões do Algarve e de Lisboa e Vale do Tejo onde se registam maiores níveis de concentração evidenciados anteriormente. Com efeito, as dormidas de residentes na Irlanda, Reino Unido, Holanda e Canadá concentraram-se predominantemente no Algarve, enquanto que as dormidas de residentes em Espanha, Itália, Grécia e Estados Unidos apresentaram maior concentração na região de Lisboa e Vale do Tejo.

A quantificação dos níveis de concentração através do cálculo do Índice de Gini, confirma a análise anterior. Entre os países identificados com maiores níveis de concentração, com valores do índice superiores a 0,50, a Irlanda é o país que apresenta o valor mais elevado, de 0,87. Seguem-se a Grécia,

cepção da Holanda. Entre os países com menores níveis de concentração, aos quais correspondem valores do índice de Gini inferiores a 0,50, a Bélgica é o país que apresenta o valor mais baixo, de 0,10. Seguem-se a Dinamarca, o Luxemburgo, a Áustria, Portugal, a França e a Alemanha. A análise permite ainda identificar algumas transferências de países entre os dois grupos, em termos do nível de concentração regional das dormidas durante a década de 90. Com efeito, a Espanha e a Itália passaram a integrar o grupo dos países com elevada concentração regional das dormidas, enquanto que a Alemanha passou para o grupo dos países de menor concentração regional.

O Quadro 7 apresenta, igualmente, em coluna, o valor do Índice de Gini para as regiões. Ao nível do país, assiste-se a um aumento da concentração das dormidas, traduzido por uma variação positiva do índice em 0,03, decorrente do aumento da dependência das regiões do Algarve e da Madeira relativamente a certos mercados.

A tipologia regional dos vários recursos de oferta permite desde logo perceber as motivações dos visitantes implícitas nos padrões de concentração geográfica identificados. Essas motivações são indicativas dos vários tipos de turismo, entre os quais podemos encontrar o turismo de lazer, o turismo religioso, o turismo da saúde ou o turismo da natureza.

A análise para os países de residência que apresentam índices de concentração mais elevados mostra que o turismo na região de Lisboa e Vale do Tejo apresenta uma elevada concentração de turistas residentes em Espanha e Itália, que procuram fundamentalmente produtos que não justificam estadias prolongadas e com uma fraca componente sazonal, como sejam os *city breaks* e os circuitos.

Por outro lado, os elevados valores do índice de Gini registados para os residentes na Grécia e nos Estados Unidos resultam igualmente de uma preferência acentuada por esta região. Embora não esteja disponível informação sobre os produtos turísticos mais procurados por estes turistas que se dirigem preferencialmente para a região de Lisboa e Vale do Tejo, as estatísticas revelam que a sua distribuição na região ocorre de forma equilibrada durante todo o ano, o que sugere a

procura dos produtos anteriormente referenciados [INE (2004)]. O mesmo acontece com a distribuição dos turistas residentes na Alemanha e no Reino Unido que visitam a região da Madeira. Neste caso, o produto turístico oferecido por esta região, essencialmente o turismo balnear, tem uma procura equilibrada durante todo o ano.

Os desequilíbrios na distribuição de turistas residentes em países como a Irlanda, Holanda e Reino Unido, são justificados por concentrações relativamente elevadas na região do Algarve, cuja procura é dirigida quase exclusivamente ao produto "sol e praia". Esta procura dirigida aos produtos turísticos regionais apresenta especificidades próprias em termos de sazonalidade e de estadia média do turista nos locais de destino, que são verdadeiramente reveladores dos produtos turísticos dominantes localmente.

A sazonalidade é, do ponto de vista da gestão dos destinos turísticos e da utilização dos seus recursos, um dos mais graves problemas do sector.

Quadro 7- Distribuição percentual das dormidas e Índice de Gini, por países de residência em 2002

Pais de Residência	Algarve	Lisboa e Vale do Tejo	Madeira	Portugal	Índice de Gini	Varição 2002-1991
Portugal	21,65	37,93	16,65	34,30	0,35	0,01
Alemanha	15,84	7,56	26,20	13,22	0,43	-0,12
Áustria	0,37	0,86	2,11	0,73	0,24	0,14
Bélgica	1,30	1,99	3,54	1,70	0,10	-0,17
Dinamarca	0,62	1,06	2,86	1,01	0,23	-0,03
Espanha	2,41	16,23	2,91	6,66	0,60	0,18
França	1,01	7,33	5,81	3,73	0,38	0,17
Grécia	0,03	0,43	0,05	0,14	0,75	0,04
Irlanda	6,43	0,95	0,62	3,13	0,87	0,07
Itália	0,63	7,29	0,89	2,51	0,72	0,26
Luxemburgo	0,11	0,10	0,25	0,12	0,24	-0,24
Holanda	9,70	3,22	4,22	5,88	0,65	-0,11
Reino Unido	37,80	7,97	33,08	23,86	0,64	0,02
Estados Unidos	0,68	5,97	0,66	2,02	0,70	0,13
Canadá	1,40	1,10	0,15	0,98	0,68	0,03
Índice de Gini	0,75	0,65	0,72	0,70	---	---
Varição 2002-1991	0,03	0,00	0,04	0,03	---	---

Fonte: Elaboração própria com base em dados do INE (1993, 2004).

Quadro 8 - Os produtos turísticos procurados por países de residência

Pais de residência	Algarve	Lisboa e Vale do Tejo	Madeira
Alemanha		(*)	(*)
Canadá	(*)		
Espanha		City break (46,3%) Circuito (22,8%) Sol e praia (22%)	
Estados Unidos		(*)	
Grécia		(*)	
Holanda	Sol e praia (46,5%) Circuito (20,5%)		
Irlanda	Sol e praia (80%)		
Itália		Circuito (48,8%) Sol e praia (24,4%) City break (18,7%)	
Reino Unido	Sol e praia (66,7%)		(*)

(*) Informação sobre as quotas de procura de cada produto não disponível.

Fonte: European Travel Monitor, 2002.

3.4 O posicionamento do sector turístico na estruturação económica regional

A análise da decomposição do crescimento registado no VAB e no emprego evidencia, de uma forma clara, a importância das estruturas sectoriais específicas no processo de crescimento regional (Quadro 9). Em particular, nas regiões onde se regista uma maior especialização e dependência do sector turístico, como são os casos do Algarve e da Madeira, as parcelas do crescimento atribuídas à influência das estruturas sectoriais foram superiores a 1/5 do crescimento total. Os resultados permitem concluir que, nestas regiões em particular, as fortes especificidades regionais imprimidas pelo sector turístico imprimiram uma dinâmica de crescimento que se demarca do panorama nacional.

Os resultados confirmam que, de uma forma geral, as regiões apresentam uma especialização forte nos sectores mais dinâmicos

do país, com taxas de crescimento superiores à média nacional, com aumentos da produtividade média traduzidos por um maior dinamismo ao nível do VAB. Contudo, a análise agregada não permite esclarecer quais são realmente os sectores que se destacam no conjunto destas regiões e cujo crescimento do VAB é promovido, directa ou indirectamente, pelo turismo.

A análise desagregada por ramos destaca a forte presença dos ramos ligados ao sector dos serviços. A Figura 3 destaca, em particular, as posições dos ramos da construção (ramo F), da saúde e acção social (ramo N) e de outros serviços colectivos e sociais (ramo O)⁷. Igualmente importantes, mas já numa fase de maturação do seu crescimento, são os ramos da educação (ramo M), do alojamento e restauração (ramo H), dos transportes e comunicações (ramo I), das actividades financeiras (ramo J) e dos serviços às empresas (ramo K).

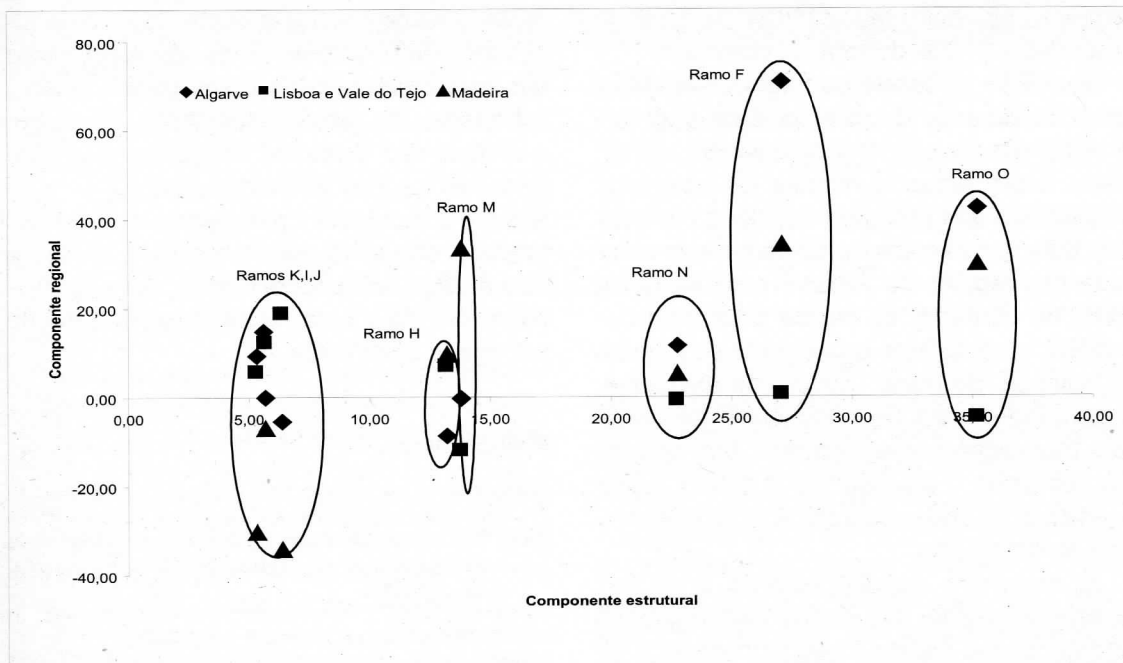
Quadro 9 - Decomposição do crescimento relativo do VAB e do emprego no período 1995-2001

Regiões	Componente estrutural		Componente regional		Componente nacional		Variação efectiva	
	VAB	Emprego	VAB	Emprego	VAB	Emprego	VAB	Emprego
Algarve	3,54	2,04	13,88	3,32	51,33	11,73	68,75	17,09
Lisboa e Vale do Tejo	2,50	2,93	2,05	0,06	51,33	11,73	55,88	14,72
Madeira	6,27	-0,37	6,94	-2,29	51,33	11,73	64,54	9,07

Fonte: Elaboração própria com base em dados do INE (1995, 2001).

⁷ Os resultados quantificados não são apresentados neste trabalho mas são disponibilizados pelos autores após solicitação.

Figura 3 - Análise Shift-Share do VAB por regiões e por ramos no período 1995-2001



Fonte: elaboração própria com base em dados do INE (1995, 2001).

A existência de vantagens locais específicas exerce também influência no dinamismo regional dos diferentes ramos de actividade. Consta-se, por um lado, o grande dinamismo dos ramos da construção (ramo F) e dos serviços colectivos e sociais (ramo O) nas regiões do Algarve e da Madeira, com elevados diferenciais de crescimento relativamente ao conjunto do país. Estes são ramos directamente impulsionados pela actividade turística presente nas regiões. Por outro lado, verifica-se que estes ramos não apresentam o mesmo dinamismo na região de Lisboa e Vale do Tejo. Em contrapartida, são as actividades financeiras (ramo J), dos transportes e comunicações (ramo I) e dos serviços prestados às empresas (ramo K) que apresentam uma maior dinâmica de crescimento. Esta diferença estrutural entre estes dois grupos de regiões é bem reveladora do grau de importância, ou se quisermos de dependência, das respectivas economias face à actividade turística.

4. Conclusões

Com o presente trabalho pretendeu-se efectuar uma avaliação do potencial de mobilização do turismo para o desenvolvimento regional, ao analisar-se os casos concretos

das regiões do Algarve, de Lisboa e Vale do Tejo e da Madeira, que constituem os principais destinos turísticos nacionais.

A análise baseou-se na caracterização da oferta e da procura turística regionais, do dinamismo evidenciado na década de 90 e ainda na identificação do posicionamento estratégico e da contribuição do sector para a estruturação sectorial das economias regionais. Em particular, pretendeu-se com a análise efectuada retirar ilações acerca (i) da relevância económica do sector turístico nas regiões, (ii) da natureza dos produtos turísticos e da origem e motivações da procura turística dirigida às regiões e, finalmente, (iii) da influência do sector turístico nas estruturas sectoriais que as regiões apresentam.

As regiões analisadas apresentam os valores mais elevados do PIB per capita e ocupam os primeiros lugares do ranking nacional, quer em termos de oferta turística (traduzida pelo número de estabelecimentos hoteleiros, número de quartos, capacidade de alojamento e pessoal empregue), quer em termos da procura (traduzida pelo número de hóspedes e pelo número de dormidas). Concretamente, estas regiões concentram, por um lado, 67,9% do número de estabelecimentos, 77,6% do número de quartos, 80,0% do nú-

mero de camas e de pessoas empregue no sector, e, por outro lado, 70,0% do total de hóspedes e 84,0% do total de dormidas.

A análise evidencia as fragilidades estruturais decorrentes da existência de uma forte dependência económica regional relativamente a um reduzido número de mercados emissores e aos produtos turísticos procurados. Esta questão coloca-se com maior acuidade nas regiões do Algarve e da Madeira, onde, no conjunto, se regista uma forte dependência do turismo proveniente da Irlanda, da Holanda, do Reino Unido e da Alemanha. A gravidade desta dependência é reforçada pela motivação quase exclusiva dos turistas que procuram o produto "sol e praia", o que sujeita a actividade económica regional a uma forte sazonalidade.

O fenómeno da dependência e da forte especialização das economias regionais configura uma realidade económica que se desenvolve, directa e indirectamente, em torno de uma actividade central. Considera-se que tais fenómenos que tornam específicas as realidades económicas acabem por condicionar decisivamente os respectivos processos de crescimento regional. As semelhanças de clima, de dimensão territorial e da estrutura económica das regiões do Algarve e da Madeira configuram um perfil de especialização sectorial que tem por base a sua vocação como destinos turísticos por excelência. Em estreita ligação com a grande dependência destas regiões, verificou-se um grande dinamismo dos ramos da construção e dos serviços colectivos e sociais, que apresentaram elevados diferenciais de crescimento nestas regiões relativamente ao conjunto do país.

A região de Lisboa e Vale do Tejo, como pólo industrial, comercial e cultural, regista uma especialização sectorial que não decorre directamente, mas apenas indirectamente⁸, da sua vocação como destino turístico. Nesta região são as actividades financeiras, dos transportes e comunicações e dos serviços prestados às empresas que apresentam uma maior dinâmica de crescimento.

A análise configurou uma situação em que

sobressai a aposta na convergência das regiões, através do investimento nos ramos dinâmicos da economia, e, do aproveitamento das especificidades regionais para o desenvolvimento de ramos específicos. Contudo, a análise não deixa de transparecer a forte dependência das economias das regiões do Algarve e da Madeira relativamente ao sector turístico, enquanto que na região de Lisboa e Vale do Tejo, essa dependência não é tão evidente devido a uma maior diversificação da actividade económica.

Bibliografia

- Confederação do Turismo Português (1999), *O Impacto do Turismo na Economia Portuguesa*, Vol. II.
- Dunn, E. S. (1960), "A Statistical and Analytical Technique for Regional Analysis", *Regional and Urban Economics*, 2, pp. 249-255.
- Eurostat (2002), "Tourism and the Environment" in *Statistics in focus*, Theme 4 – 40/2002.
- Eurostat (2003), "Regional GDP Per Capita in the EU and Candidate Countries in 2000" in *News Release*, 10/2003, 30/01/2003.
- Instituto Nacional de Estatística (1993), *Estatísticas do Turismo – 1991*, Lisboa.
- (1995), *Contas Regionais - 1995*, Lisboa.
- (2001), *Contas Regionais - 2001*, Lisboa.
- (2002), *Anuários Estatísticos – 2001*, Lisboa.
- (2004), *Estatísticas do Turismo – 2002*, Lisboa.
- Ministério da Economia (2002), *Turismo em Portugal – Política, Estratégia e Instrumentos de Intervenção*, Lisboa.
- Reis, E. (2002), *Estatística Descritiva*, 5ª Edição, Edições Silabo, Lisboa.
- Silva, J. A. M. e José A. V. Silva (2003), "Inserção Territorial das Actividades Turísticas em Portugal – Uma Tipologia de Caracterização", *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, N.º 1, pp. 53-72.

⁸ A análise dos efeitos indirectos da actividade turística sobre a actividade económica não é objecto de tratamento neste trabalho.